ANO 9.º — Sexta-feira, 15 de Dezembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 452

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

AGITAÇÃO NO PAÍS

A hora muito adiantada para dele nos podermos ocupar no presente numero, chega-nos a noticia do esboço dum movimento revolucionario, á frente do qual indicam a tragico-burlesca figura de Machado Santos.

Este miseravel, apresentando-se em Tomar ás autoridades militares com um apocrifo suplemento ao *Diario do Governo*, contendo a nomeação da sua pessoa para ministro da guerra, apoderou-se do supremo cômando das forças, conseguindo ainda expedir várias ordens e um telegrama ao sr. Presidente da Republica dizendo-lhe que marchava sobre Lisboa, para assumir o governo!

Que espantosa imbecilidade e que repugnante crime a esta hora de tão profundas e amarguradas provações!

Tomadas, porêm, todas as medidas que o caso impunha, a vergonhosa sedição malogrou-se. Ignoramos a situação dos seus maiores responsaveis a principiar por o chefe. Consta, todavía, terem já sido presos, em Lisboa, entre outros individuos de categoria secundaria, os srs. drs. Egas Moniz, Alfredo de Magalhães e Moura Pinto, capitão tenente reformado Lucio Serejo, capitão de fragata reformado Soares Andrêa, Coelho de Carvalho, um dos *ministros* do novo governo, etc., etc.

Apenas em Tomar, Abrantes e Castélo Branco houve agitação, chegando nesta ultima cidade a ser deposto o coronel Pereira de Magalhães, das suas funções de governador civil,

Em Tomar, *aderiu* ao movimento o chefe de estado maior da 7.ª divisão, o nosso muito conhecido major Mota Guedes, que foi aqui assiduo frequentador do *Quelhas*. A imprensa monarquica de Lisboa foi suspensa, dizendo-se que o mesmo acontecerá á *Luta* e a outros jornaes suspeitos.

A ordem é absoluta em todo o país.

O governo, senhor da situação, dispõe-se a uma energica defêsa, tendo a folha oficial publicado já alguns decretos nesse sentido.

* * *

Suspensão de garantias

O *Diario do Governo*, em suplemento, publicou o seguinte decreto:

Considerando que hoje ocorreram em Tomar e outros pontos do continente da Republica gráves factos anormaes de perturbação interna e que se torna indispensavel adotar imediatamente providencias excecionaes para a manutenção da ordem em todo o país, não havendo por isso possibilidade de esperar pela resolução directa das duas câmaras legislativas sobre o assunto;

Usando das faculdades concedidas ao poder executivo, pelos artigos 26.º, n.º 16, e 47.º, n.º 6, da Constituição Politica da Republica Portuguêsa e pelas leis n.ºs 421 e 523, de 12 de março e 4 de maio de 1916;

Hei por bom, de acordo com os ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' declarado o estado de sitio em todo o territorio do Continente, com suspensão total das garantias constitucionaes, sômente pelo periodo de tempo necessario para que possa pronunciar-se o Congresso da Republica.

Art. 2.º Este decreto entra imediatamente em vigor.

Os ministros de todas as repartições assim o tenham entendido e façam executar.

Paços do govêrno da Republica, 13 de Dezembro de 1916, ás dezoito horas.

Seguem-se as assinaturas do sr. Presidente da Republica e membros do govêrno.

Films...

E' logico

Não sabemos se os nossos leitores estão ao facto do que ha pouco se fez constar nos orgãos de grande informação diária — o Parlamento tem imenso que fazer. O proprio sr. Afonso Costa, numa reunião do seu grupo celebrada no dia 1 do corrente declarou mesmo que tudo indicava que o Congresso tivésse de estar aberto este ano ainda mais tempo do que esteve o ano passado. Pois querem saber o que faz o sr. Barbosa de Magalhães? Tendo, como sempre, na maxima conta as palavras do chefe, vai logo a seguir para o Parlamento e zás — apresenta uma proposta segundo a qual o presidente da câmara, sempre que o entenda, póde deixar de marcar sessões ás quartas-feiras. E aprovada ela, aí estão os srs. deputados com mais um feriado a juntar ao dos sábados, só faltando que, para remate, se aumentem o subsidio indispensavel a quem tanto se esfalfa...

José d'Alpoim

Ao principio da tarde de terça-feira despediu-se da vida, terminando assim os seus horriveis sofrimentos, o antigo ministro da monarquia, sr. José Maria de Alpoim, que na politica se destacou pela sua incoerencia não obstante ser dotado dum fecundo talento que o colocavam a par dos primeiros homens do nosso país.

Brilhou no Parlamento como nos tablados dos comicios, na imprensa como na tribuna das grandes solenidades.

Tendo preparado com os republicanos o movimento revolucionario de 28 de Janeiro de 1908 que tinha por unico objectivo banir a monarquia e proclamar a Republica, Alpoim foi obrigado a exilar-se, mas uma vez de volta por virtude do gesto da Buiça e Costa, no dia 1 de Fevereiro do mesmo ano, tornou a fazer-se monarquico, pelo que não faltou quem acremente e merecidamente o censurasse, aplicando-lhe vários jornaes duros correctivos.

Nos ultimos mezes da sua existencia comprazia se em alfinetar a Republica, apezar desta lhe ter conservado os seus logares publicos, provocando grande celeuma as cartas de Lisboa que o *Primeiro de Janeiro* inseria todos os dias. Por essa razão chegou a estar ameaçado, não passando, porêm, disso, os impetos dos mais exaltados contra o fogoso jornalista.

Morreu com 58 anos de edade.

Em postal

O *cidadão* de Aveiro volta a escrever-nos:

Aveiro, 11—12—1916

...Sr. Arnaldo Ribeiro

Muito agradeço a V. a delicada bondade da sua resposta que infelizmente veio dissipar as duvidas que, todavia, eram para mim uma esperança.

Contudo, conceda-me V. a graça de permitir que eu deixe consignado nas colunas do seu jornal, o meu mais soléne protesto pela intervenção na politica activa dos magistrados judiciaes, e nomeadamente dos da categoria do sr. dr. Amorim, delegado do Procurador da Republica. Prouvéra que me engane, mas em breve teremos aí as desastradas consequencias de tal atitude, que certamente brotará no espirito de todos os adversarios politicos do snr. dr. delegado, nos actos em que S. Ex.ª tenha de intervir: o perigoso sentimento da suspeição.

Muito agradecido se confessa

Um cidadão

Vai sem comentários.

O jesuita

Esteve preso e incomunicavel no Porto, o famigerado capelão da falecida Condessa do Côvo, padre Antonio José Soares, e *herdeiro* da colossal fortuna daquela senhora.

Parentes proximos da extinta intentaram uma acção no sentido de conseguir que esse testamento seja anulado, acusando ao mesmo tempo o padre Soares de ter sonegado joias e valores importantes que aquela titular possuia e não aparecem, assim como de que o referido padre pertence á seita jesuitica.

De facto está já apurado que o seu nome figura no catalogo da Companhia de Jesus e até á data em que ele fizéra o seu noviciado no convento de Barrô.

Parece, pois, que será expulso do país e auulado o testamento, habilitando-se depois os herdeiros á posse do que legitimamente lhes pertence.

Soará enfim a hora da justiça?

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Associação Comercial

NEGOCIANTES DE SAL

Os srs. Reis & Filho, António da Cruz Bento & F.ºs, Viuva Moreira & F.º, Eduardo de Pinho das Neves & Irmão, Francisco Ventura & Irmão e João da Naia e Silva, todos negociantes e exportadores de sal desta cidade, representaram em 7 do corrente á presidência da Associação Comercial de Aveiro, pedindo lhe que, em nome dêles, protestasse, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, contra a preferência inadmissível, e portanto escandalosa e lesiva de interesses legítimos, que se dava á Emprêsa de Sal Limitada, com absoluto desprêso do direito que inegavelmente pertence a qualquer negociante de sal que, em seu nome, queira expedir pela via férrea tal género. Quer dizer: sal que se apresente na estação a despacho, desde que não sáia do *stock* da Emprêsa, não tem, por via de regra, vagon que o transporte; ou vagon que para o mesmo fim seja solicitado, não é obtido, porque, acima de tudo, está a Emprêsa, está o sal dos empresários.

Os prejudicados com esta distribuição, de baixo favoritismo, não são apenas os negociantes que referimos; são muitos mais, e, álêm dêles, todos os que da condução do sal para a estação, quer barqueiros quer carreiros, auferem do seu labutar diário uma parcela do indispensável para o sustento de suas famílias. Daquí o fermento de indignação já existente, e até de revolta que se vai esboçando.

Por tudo isto, e aínda porquê o tráfego em estação alguma, e, por consequência na desta cidade, não é uma dependência, nem é um exclusivo de qualquer Emprêsa, a Associação Comercial fez chegar à C. M. D. o protesto dos reclamantes, digamos melhor, o protesto dos lesados, acompanhando-o das considerações, embora energicamente feitas, mas atenciosas, que o assunto lhe merecia. O que, de resto, sempre tem feito, desde que a ela recorram até mesmo os que não são seus associados...

O engenheiro chefe do serviço do movimento do Minho e Douro respondeu ao ofício da Associação Comercial que *erradamente* se lhe haviam dirigido, porque o *assunto* é com a Companhia Portuguêsa. Seja. E a Associação Comercial a ela se vai dirigir. Mas o que não podêmos desde já deixar de registar, são as seguintes palavras do ofício do referido engenheiro chefe:

Dá-se, porêm, a circunstância de, **segundo informações que tenho,** *não ser justificada a reclamação que, aliás, erradamente me vem dirigida, porquanto, tendo sido a Emprêsa do Sal quem mais pugnou para que se estabelecesse êste serviço, desde que êle se está executando, tem sido ela, precisamente, que menos vagons tem recebido.*

Ora se a Administração do C. M. e D. nada tem que vêr com a distribuição do material, que é feita pela C. P., por que é que o engenheiro em questão procura informações sôbre assuntos alheios ás suas atribuições?...

A Associação Comercial lá vai dirigir-se à C. C. F. P.

O que o snr. engenheiro chefe nunca devia fazer, foi o que fez. Não era com a sua pessoa a resolução do assunto? Pegasse no ofício que lhe foi dirigido e fizesse-o chegar a mãos competentes, avisando disso a Associação Comercial de Aveiro. E' o que faria, e faz toda a gente, que se não prende com processos burocráticos que sempre empecilharam o regular andamento dos interesses públicos.

O PRIMEIRO JORNAL

Data do 1.º de dezembro de 1641, um ano após a memoravel revolução restauracionista de Portugal, o aparecimento do primeiro jornal no nosso país, que se intitulava *A Gazeta* e era redigido pelo presbitero Manuel de Galegos. Isto na falta de outros jornalistas como o *Bichêsa*, o *Bébes*, o *Pascacio de Verdemilho* e ainda os que exibem os seus talentos no *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* a esse tempo na massa dos impossiveis.

Uma pena, porque podiam muito bem ser eles os galegos...

Pela imprensa

"Cinco de Outubro"

Reapareceu em Vila Nova de Gaia, após curta interrupção, este bem redigido semanario republicano, á frente do qual se encontra o seu antigo director politico, Camilo de Oliveira.

Congratulando-nos com o facto, enviamos-lhe afectuosos cumprimentos de bôas-vindas.

"Leiria Ilustrada"

Fez 11 anos, pelo que o felicitâmos, o orgão do Partido Republicano Português na cidade do Liz, dirigido pelo snr. Gaudencio Pires de Campos.

"Modas & Bordados"

Recebemos a visita deste excelente semanario, suplemento do *Seculo*, que a todas as senhoras portuguêsas deve interessar, pois lhes dá por 2 centávos apenas, a materia que em jornais francêses da especialidade lhes custaria incontestavelmente mais.

O suplemento de *Modas & Bordados* é exposto á venda todas as quintas-feiras, podendo ser adquirido quer por assinatura quer avulso, neste ultimo caso por intermedio dos vendedores do *Seculo*.

Moedas de prata

Por determinação superior, as moedas de 500 reis com a efigie de D. Pedro V só terão esse valor até ao dia 31 do corrente mez de dezembro, ficando depois da mencionada data sem curso legal no país, consoante foram disso avisados os tesoureiros da Fazenda Publica.

A seguir recolher-se-ão as de D. Carlos e as de D. Manuel, até ao fim do ano de 1917, em que devem ser substituidas pelas novas, de 50 centavos, da Republica.

MAIS PALMAS

—==*==—

O orgão do Partido Republicano Português em Aveiro, que tão imbecil e desorientadamente está, dia a dia, a comprometer a propria facção de que se diz defensor, provocando-nos com pimponices de garoto valente junto da porta da mãe, não gostou que o amachucassemos com a resposta dada a quanto nos disse, batendo palmas, a proposito da substituição do grande e privilegiado homem que foi Marnoco e Souza por Barbosa de Magalhães como arbitro na questão da partilha de lucros entre o governo e a Companhia dos Tabacos.

E como não gostasse, julgou liquidar o assunto escrevendo quatro asneiras em tres linhas, á mistura com adjectivos de resonancia, dizendo assim: — *Na linguagem imunda do vasadoiro da infamia, lá vem o criminoso a increpar o grande estadista dr. Afonso Costa, por que s. ex.ª não está disposto a dar ouvidos ás suas baboseiras. Hoje foi o snr. dr. Afonso Costa, ámanhã será todo o Partido Republicano Português, porque escolheu para seu* leader *na Câmara dos Deputados o ilustre aveirense dr. Barbosa de Magalhães. Que farçante...*

Podiamos não retorquir ao pateta que rabiscou essas palavras, sem senso, sem gramatica e sem verdade porque nunca nos referimos nem aludimos á nomeação da tal creaturinha para *leader* de cousa nenhuma, pois sempre nos constou que taes funções, pelo democratismo, na Câmara, pertenceram em todos os tempos ao sr. Alexandre Braga.

Independente, porêm, de tal desorientação, o pateta escrevinhador julgou para si um grande triunfo vomitar, naquele estilo de barriguista, *que nós increpámos o snr. Afonso Costa porque s. ex.ª não está disposto a dar ouvidos ás nossas babozeiras!*

Que chucisse de argumentação! Que mizeria de raciocinio! Acordámos apenas actos anteriores e comprovativos dessa mancebia politica que apagavam o motivo da entusiastica admiração pela ultima lembrança de amizade que o snr. Afonso Costa teve para o seu dileto e velho correligionario, e que o *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, pela penna dum *badaméco* qualquer nos dizia que *por tal não faltaria quem chamasse tambem pardo ao ilustre ministro das finanças!*

Entre os actos já aludidos, não citámos outros que, infelizmente, estão bem indelevelmente gravados no coração e na... algibeira de quem os sofreu, moral e monetariamente. Não referimos, por exemplo, o acto inconvenientissimo sob o ponto de vista politico e até cortez, do sr. Afonso Costa, quando do congresso aqui realisado, não ir hospedar-se para o hotel que sob a responsabilidade de alguns membros do seu partido viera montar Paulo Bergamin, para aceitar a casa do sr. Barbosa de Magalhães, onde esteve com grande mágoa dos republicanos locaes que bem evidenciaram o seu descontentamento, não só deixando de ir cumprimentar s. ex.ª, como notoriamente se alheiaram de manifestações publicas que tão pobres foram de assistencia e entusiasmo. Desta situação creada pela atitude do sr. Afonso Costa, resultou um enorme prejuizo para o hotel, prejuizo que a comissão cobriu do seu bolso, com avultada importancia e doloroso sacrificio, que, todavia, a honradez de Paulo Bergamin não agravou por se ter limitado apenas a pedir a indemnisação do que em verdade havia sido prejudicado.

Depois de tudo isto, depois do cometimento destes actos que oportunamente registámos e agora repetimos, para fazer a vontade aos que tão impensada e inconvenientemente nos forçam a isso—que ha para admirar que o sr. Afonso Costa se lembre de mais uma conezia para o seu dedicado correligionario, que pelo seu orgão na imprensa sempre cuspiu todas as afrontas sobre os republicanos até á madrugada de 5 de Outubro?

Para nós, que não temos idolos, nem estâmos acorrentados a preceitos vergonhosos de disciplina politica—como principio de submissão a toda a afronta á justiça e á lei, praticadas em nome das conveniencias de facção—discutimos sem receio os actos praticados seja por quem fôr, porque entendemos com fundadas razões que nenhum homem é indiscutivel nem inviolavel. Notar uma contradição, apontar um facto com o qual não concordâmos, tirando dele as ilações logicas e correspondentes, não é afrontar, não é increpar ninguem. Ou o sr. Afonso Costa é indiscutivel, depois de arvorado em proprietario e senhor absoluto do seu rebanho?

Pois, por ventura toda esta marcha politica, administrativa e financeira, á qual se esperava que a Republica pozesse um termo, é de molde a ser aplaudida pelos verdadeiros e sincéros patriotas?

Toda esta série de descalabros, de desorientação e de incompetencia não deve ser discutida, combatida, condenada sómente porque estão no ministerio os srs. Afonso Costa e Antonio José de Almeida?

Póde alguem afirmar, com verdade, que é esta a Republica para que trabalharam todos os verdadeiros republicanos?

Não, mil vezes não! Esses afastaram-se em todo o país desta vergonha que para aí arrasta uma existencia de erros e até de crimes. Dentro dela campeiam, infrénes, os mais façanhudos monarquicos que agora estão os mais radicaes e intransigentes jacobinos.

Por toda a parte foi um vergonhoso assalto que os chefes admitiram para engrossarem os seus partidos e que hoje, com gráve risco das proprias instituições, toleram e animam.

Entre nós é o que se vê. Apareceu um jornaléco para manter e defender essa série de vergonhosos favoritismos locaes, conservando a barriga cheia de quantos, sem pudor nem vergonha, se fizeram reles lacaios dos que podiam mante-los a comer á farta. Em troca dos seus serviços á Republica? Não. Em troca da sua subserviencia, da sua desvergonha. E emquanto ancioso esperava o povo que a Republica implantasse o principio sagrado da moralidade e da justiça a todos e para todos—como milhares de vezes lhe foi dito—defrontamo-nos com todo esse sudario, que é uma afronta, com toda essa imoralidade, que é um vilipendio. E comtudo republicanos que em 31 de janeiro jogavam já a vida e a bolsa—morrem de fóme, infame e propositadamente esquecidos, vergonhosa e desumanamente perseguidos!

E porque discutimos tudo isso e aquelas a quem cabem tamanhas responsabilidades, chama-nos o *orgão do P. R. P. em Aveiro*—criminosos!

Miseros pandilhas!...

Cinêma

A Direcção do Teatro Aveirense anuncia para depois de ámanhã, 17, o *film* em tres partes da *série de ouro*, intitulado *Um milhão de dote*, em que o principal papel é representado pela célebre artista Gabriela Robinne.

A este *film*, que dos outros cinêmas, onde tem sido exibido, vem precedido de grande fama, seguir-se-lhe-ão outros nas noites de 21, 24, 25, 28 e 31 do mez corrente com a passagem pelo *écrain* das 15 séries da *Chave Mestra*, historia comovedora de palpitante interesse onde *todas as paixões humanas* — cobiça, misterio, coragem, amor e odio e as suas lutas, ambições, desejos e esperanças desfilam ante os olhos dos espectadores, que por certo não faltarão a encher o teatro como teem feito até aqui.

Ao publico da galeria foi de novo deliberado vender-lhe bilhetes ao domingo, reservando-se, porêm, a Direcção, o direito de a mandar evacuar ao menor disturbio ou assoada.

Continua a merecer o nosso aplauso.

No mar

E' afundado por um submarino o lugre "Briséla„ da praça de Aveiro

—==(*)==—

Para a conta dos muitos navios que a pirateria alemã, representada pelos submarinos, tem destroçado, vai agora tambem o lugre *Briséla*, que, partindo de Lisboa no dia 8 com um carregamento de sal, telha e outros produtos, no valôr de 9:500 escudos, para a Madeira, foi, na madrugada de sexta-feira ultima, surpreendido, a 60 milhas da costa de Sines, por um submarino, que intimou a tripulação a abandonar o barco no praso de 10 minutos, torpedeando-o em seguida.

O comandante do *Briséla* era o sr. Fernando Domingos Magano, morador nesta cidade, que se salvou nas balieiras de bordo assim como os nove homens que o acompanhavam.

A embarcação era propriedade duma parceria de que fazem parte os nossos conterraneos, srs. Antonio Maximo Junior, Francisco Marques da Naia, Antonio da Cruz Bento Junior e Joaquim Camarão, de Ilhavo. Apenas parte da carga estava segura contra o risco de guerra e maritimo pela firma fretadora Ramalheira, Pires & Bastos.

Ainda bem

Está decidido: no Museu não cabe mais ninguem. E porque seja essa a opinião dos comissionados pela Câmara com o fim de verificarem se sería possivel arranjar o alojamento requerido pelo conservador, opinião que o director corrobora, segue-se que o porteiro do govêrno civil não entra, por enquanto, para o convento.

Ainda bem. Porque se se apanhasse lá dentro, director e conservador, era uma vez. Acontecia pelo menos a mesma coisa que aos célebres grilos do padre Patagonia...

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Devido ao preço elevado do carvão, a Companhia do Gaz propoz á Câmara uma concordata para substituir o actual sistêma de iluminação pela antiga de petroleo, constandonos que se o municipio aceder aos seus desejos a Companhia elevará imediatamente o custo de cada metro cubico aos consumidores particulares, como tem feito noutras partes.

O assunto deve ficar resolvido por estes dias mais proximos.

O Castélo da Feira

———(*)———

... Sr. Redactor do *Democrata*

O sr. Humberto Beça, de critico excepcionalmente extravagante, tão falho de senso comum, como cheio de vaidade, de maledicencia e de incoerencia—tal como ficou demonstrado na justificação que, dos actos da patriotica Comissão do Castélo da Feira, por ele agravada, eu tive de fazer—passou a ridiculo.

Sim, tristemente ridiculo. Um mixto de riso e dó.

Ao mesmo tempo, conscio da propria impunidade por motivo ponderosamente pessoal, insulta-me, apodando-me de *falto de educação*, de *grosseiro*, de *agressor brutal* e acusa-me de *usar termos indignos de creaturas com cursos superiores!*

Um baixo jogo de inversão dos papeis, atribuindo-me exactamente aquele que representou.

Eu esperava a pancada; pois provada a falta de senso comum e comprovada a vaidade, tudo o mais que veio é corolario obrigado.

Dito está e redito fica, que não insulta quem quer. Adiante.

Mas temos a notar o seguinte: o sr. Beça usa cobrir a indigencia das suas ideias com farfalhudas roupagens de frases de efeito. Os leitores ilustrados vêem claramente a coisa. Não assim muitos outros leitores superficiais e ingenuos.

Eis aí porque reputo necessaria a minha persistencia na justificação dos actos da patriotica comissão local. Está no meu programa deixar todos os leitores saturados de esclarecimentos sobre este assunto.

Demais, o sr. Beça, ao mesmo tempo que recua, segundo razões suas divertidissimas, formula sevéras perguntas, não já da sua catedra de professor de comercio, mas da sua improvisada tribuna de julgador, certamente para que eu lhe responda.

E eu prometi que, sempre que o sr. Beça tivesse coragem de insistir, me encontraria na melhor disposição de lhe responder.

Uma só coisa me reverterá ao silencio.

E' o capacitar-me eu de que tenho por antagonista um doido.

Com doidos nem para o céu. E' este um venerando ditado que sempre acato. Já porque infelizmente tenho de sobra experimentado o travôr de casuais relações com essas infelizes victimas da maxima desgraça humana, já porque na minha profissão não seria toleravel outra conduta.

Espero todavia que tal não sucederá.

Mas tambem quando disso viesse a capacitar-me, eu não daria por terminada esta contenda que o sr. Beça provocou, sem exarar aqui o respectivo certificado, justificação unica e ultima do meu silencio.

Até lá, póde o sr. Beça fazer os seus jogos malabares de palavreado como lhe aprouver, na certeza de que encontrará em mim a mais beneditina paciencia para, com repugnancia ou sem ela, lhe aparar o jogo.

As incoerencias e as provas de tremendas lacunas do senso comum no sr. Beça são tais e tantas, que a gente se vê assoberbado por um tal diluvio.

Ele provoca-nos com as sabidas frases de que *as obras de conservação do Castélo são uma tristeza, que aquilo não é conservar, é remendar, que aquilo não se faz*, que indica a *mais completa falta de bom senso artistico;* ousa mesmo *protestar contra a fórma desastrada como estão sendo feitos os reparos no Castélo* e por fim vem com aquele nojo da *abegoaria!*

Mas porque logo intimamente se arrepende e teme o justo desforço do agravo que nos fez, considerando-nos quasi analfabetos (só analfabetos fariam aquelas enormidades que ele nos imputa) envia-nos um atencioso oficio, dizendo-nos que todas aquelas enormidades são umas *leves impressões de touriste, de que não deve derivar qualquer mal entendido.*

Com que então *leves impressões de touriste*, aquela rija critica, aquela censura pesada, aquele altisonante protesto?

Por onde andará o senso comum de este homem que ousou imaginar que haviamos de ficar calados perante aquelas enormidades exaradas em publico, só porque em oficio nos dizia que tudo aquilo eram *leves impressões de touriste*, e que nós deviamos ser muito boas pessoas? Ha aí quem seja capaz de acha-lo, esse senso comum, e dizer-me onde ele está?

A vêr a incoerencia.

No mesmo atencioso oficio nos diz que *certamente lhe não negaremos o direito de livre critica*. Critica que não podia ser peor, pois não é verdade?

E logo na primeira resposta á minha defeza-exposição diz que *se não arvorou em critico*, mas apenas discordou duma orientação...

Então este homem criticou ou não criticou?

Haverá aí quem saiba onde pára a coerencia deste sujeito?

E aquele *altisonante protesto contra os desastrados reparos?*

Este sr. Beça nem peza o que diz, nem pondera o que se lhe diz, porque inverte e desvirtua, quando e como lhe parece, as suas proprias afirmações.

Continuando. Mas todos aqueles serviços que prestamos ao Castélo são de favor para o publico, para o Estado para o país emfim. São serviços patrioticos, perfeitos e como tais julgados por quem tinha direito e capacidade para os julgar: os vogais do Conselho Superior de Arte e Arqueologia. E tanto que determinaram uma Portaria de louvor.

Aponto delicadissimamente ao snr. Beça (o qualificativo é dele) a enormidade em que tão levianamente caíu, censurando rijamente (mais rijamente não podia ser) e com vaidosa prosápia, serviços que tinham merecido louvor oficial.

Se os papeis fossem trocados, ele terme-ía atirado á cára com a Portaria, como agora me atirou o insulto.

Mas não. Em logar disso, eu generosamente lhe estendi a minha mão benevola para o ajudar a levantar-se do grotesco trambulhão.

Ninguem póde negar que ao meu gesto cavalheiroso e salvador, ele correspondeu com acrobatismos de palavreado, dando ainda mais ruidoso trambulhão que eu puz em foco com a severidade que o caso requeria, mas sem omissões de correcção.

De facto, não compreendendo o meu gesto, o sr. Beça reincidiu miserrimamente, vendo-se então este caso divertidissimo de estar um professor de Comercio, ali do Porto, a endossar aquelas pesadas censuras, a ditar leis sobre Arte e regras sobre conservação dos Monumentos Nacionais ao Conselho Superior de Arte e Arqueologia que achou bem o que o sr. Beça acha pessimo!

Onde foi o sr. Beça buscar a autoridade scientifica, artistica, moral, ou qualquer outra para o fazer?

E' obvio. A' sua completa falta de senso comum.

Não póde haver leitor, por mais ingenuo que seja, que não veja claramente a logica irreductivel deste comesinho raciocinio.

Este é um caso semilhante ao daquele célebre pintor grego, de nome Apeles. Entrara o seu sapateiro na sala de trabalho do artista. E deparando com a impecavel tela em que estava retratado Alexandre Magno, permitiu-se fazer a critica do quadro. Não diz a historia que essa critica fosse tão rija como a que o sr. Beça fez aos nosssos serviços.

Todavía começou por notar incorreções nas botas do retratado, ouvindo-o o pintor complacentemente.

Animado pela complacencia do artista, passa o sapateiro a notar defeitos na calça. Então não se conteve o pintor que lhe não dissésse: ouvi-te ácêrca das botas, que é a tua especialidade. No resto cala a bôca e vai-te bugiar.

Sim; ao sr. Beça, te-lo-ia ouvido talvez com atenção a patriotica Comissão do Castélo sobre as suas contas correntes. Sobre o resto, já a Comissão tinha ouvido quem devia ouvir e acatar.

E irrita-se, porque eu chamo a terreiro a sua qualidade de professor de Comercio, dando a entender que o faço para deprimi-lo.

Pobre homem, a quem a desorientação de tão tremendo trambulhão pôz neste estado de irritabilidade.

Todo o mundo vê que se invoco essa qualidade é méramente para confrontar competencias.

Numa questão de Arte e Arqueologia estão dum lado arqueologos, arquitectos, engenheiros a dizer que está bem. Está do outro lado um professor de Comercio a dizer que está mal. Não ha outra maneira de pôr em fóco o grotesco desta situação que o sr. Beça creou e persistiu ainda mais grotescamente em sustentar.

Depois afirma que tem dois cursos superiores.

Que nos póde a nós importar que o sr. Beça tenha dois ou tres cursos superiores?

Importar-nos-ia que fôsse um arqueologo, um arquitecto cotado, com assento nas altas cadeiras do Conselho Superior de Artes, para ouvirmos os seus dizeres de prosápia. Mas afinal o sr. Beça está e estará muito bem sentado, mas sempre na sua cadeira de professor de Comercío.

Quando o sr. Beça me veja um dia a criticar, censurar e protestar sobre objectos do seu curso de Comercio, sobre as habilitações dos seus meninos aprovados por quem tem competencia para examina-los e aprova-los, diga então de mim tudo isso que me tem obrigado a dizer da sua vaidosa pessoa e fique certo que está bem dentro do senso comum. Eu é que, em tal caso, estaria fóra dele. Póde até apodar-me de malcreado; e certamente me apodaria, apezar de que eu tive a indulgencia de assim não proceder com ele.

Mas veja-se a este espelho que em hipotese ponho diante dos seus olhos pasmados. Abra-os bem e veja a enormidade miserrima em que caíu e em que não deve mais caír por honra dos seus dois cursos superiores e da neve dos seus cabelos.

Estaremos em circunstancias similhantes com respeito a cabelos brancos, sim. Mas em discernimento, é que sômos dissimilhantes e em lealdade tambem.

A lealdade do sr. Beça!

Que piruetas de palavreado sobre os postais!

Aquela enormidade de que não é o *comum do publico*, a que eu chamei o *grande publico*, sinonimo de numeroso que os compra, mas sim os homens de Arte, os apreciadores de monumentos!

As piruetas sobre *grande publico* e *publico ilustrado*, sobre *o publico dele e o meu publico*, para confundir ingenuos. Se isto carece de comentarios!

E com que lealdade ele volta a tratar a questão do *infeliz fotografo* com

a sua *miseria de perspectivas e detalhes que revolta* (que revolta!), coisas estas evidentemente da exclusiva responsabilidade de quem maneja a maquina fotografica e não de quem imprimiu os postais. Como ele inverte, como desvirtua!

E como diz a seguir que sou eu quem recorre a sofismas e tangentes!

E as suas ultimas perguntas!

Pois o pobre homem não está, na sua total desorientação, a confundir os nossos patrioticos serviços prestados ao Castélo, que só nos trazem dispendio e nenhum outro interesse que não seja a satisfação de vêr ali erecto, limpo e guardado aquele belo monumento, o que se deve unicamente aos nossos cuidados—não está a confundir, repito, este voluntario serviço com um mandato que nos foi conferido? Por quem?

E o aprumo com que o desorientado homem quer saber porque é que deixamos crescer a herva, os cardos e não sei que mais!

Saberá o sr. Beça o que é um mandato?

Isto é simplesmente de rir a bandeiras despregadas, como se usa dizer.

De modo que, em vez de nos agradecer, por aquilo não estar ao absoluto abandono, como o Estado o tem tido, quasi impenetravel e mais do que imundo, como já esteve, antes estando agora bem diverso do que era, sem que o sr. Beça ou o Estado, a quem pertence o monumento, concorresse para isso com um ceitil, fala-nos, feio e forte, como se nos tivésse sido imposto o mandato de limpar as imundicies que os visitantes lá depõem.

E quais visitantes? Certamente não são aqueles que o sr. Beça referiu terem visto todo o Castélo dentro de uma hora.

Mas aqueles que abusivamente ali se instalam um dia todo, tal como o numeroso grupo do sr. Beça, com meninos, creadagem, comedorias e tudo.

Que ha a esperar de visitantes que ali improvisam instalação, em logar para isso improprio, durante um dia inteiro? O guarda bem sabe que penoso serviço tem no dia seguinte áquele em que numeroso grupo passa ali todo um dia sem utilisar as hospedarias.

De modo que é bem provavel que até sejâmos increpados pelos proprios autores do delito.

Só não ha sentinas. Reclame o sr. Beça tudo isso do Estado a quem tais serviços competem; e a nós, agradeça-nos os poucos ou muitos serviços de limpeza que lá temos mandado fazer, para seu proveito e dos outros visitantes, por méra devoção que não por obrigação.

E se não quer agradecer, não fale nisso, não seja...

Veja lá o sr. Beça o que é que não deve ser...

E se não atinar, pergunte-o a quem quer que seja.

Logo lh'o dirão prontamente.

Pergunta-nos igualmente se é provisorio o pedregulho que entulha a galeria de comunicação com o exterior.

Não comunica com o exterior mas sim com o predio do sr. Brandão; e por isso é definitivo, enquanto o Estado não expropriar terreno em voltá do monumento para que todas as portas sejam praticaveis. Bastava saber vêr, para compreender.

E a preposito ocorre-me a *scie* do muro dos vidros de garrafa.

O sr. Beça não compreendeu o que eu disse sobre isso.

Mas como toda a gente deve ter compreendido, mesmo os mais superficiais leitores, não vejo necessidade de repetir o que já foi dito.

Isso e outras futilidades entrava naquele feixe de coisas do sr. Beça que, espremidas, não davam nada, ou já tinham dado tudo.

Mas ele, com as suas piruetas de palavreado futil, diz arrogantemente que eu fujo á discussão no campo digno—pobre homem!—em que ele m'a coloca. E que estou impossibilitado de responder precisa, concreta e cabalmente ás suas afirmações. Isto dá uma grande vontade de rir!

Por ultimo diz-me, com não menor arrogancia, que, quando tem de espadeirar alguem, costuma faze-lo como esgrimista e não como caceteiro.

Quando afinal o sr. Beça tem esgrimido comigo á maneira de *preto*, que é de cabeça.

Atira-se para mim de cabeça sem vêr o que faz e todo se descobrindo nos pontos mais vulneraveis.

Simplesmente me não abala nem molesta porque a cabeça do sr. Beça é, como figura de retorica, comparavel áquelas bexigas que o rapazio soprou e fez impár.

Faz muito barulho, mas é tudo vento.

Tenho a certeza de que isto ficará demonstrado se o sr. Beça continuar a esgrimir comigo, como tem esgrimido, porque não deixará de estoirar.

Termino, sr. redactor, por lamentar perante os leitores do *Democrata* esta discussão esteril, provocada e colocada pelo sr. Beça neste campo digno dele.

Mas V. e os leitores estão vendo a minha propria repugnancia.

Todavía que se lhe hade fazer se a madureza indigena campeia indomita?!

Aceite V., com os meus agradecimentos, os protestos da minha consideração e estima.

Feira, 4 de dezembro de 1916.

Aguiar Cardoso

Secretário da Comissão do Castélo

Retrato da Moda

Executam-se no Foto-Electrico, instalado no Largo do Rocio, ao preço de $15 cada meia duzia.

Notas mundanas

*De regresso da capital onde, em conferencia com diversos ministros, tratou de assuntos que colectivamente nos interessam, chegou a esta cidade o sr. dr. André dos Reis, esclarecido advogado e director do nosso colé*ga Distrito de Aveiro.

✠ *Adoeceu, mas sem gravidade, o sr. Antonio da Maia, activo negociante local.*

✠ *Com sua esposa e filhos regressou da Costa Nova, o sr. Jeremias Vicente Ferreira, que por virtude do naufragio do* Desertas *ali teve de demorar-se mais, prestando assinalados serviços.*

✠ *Partiu para Coimbra o sr. José Cabecinha, que juntamente com outros camaradas de infanteria 24 vai exercitar-se no serviço de maqueiro da Cruz Vermelha.*

✠ *Veio abraçar-nos á redacção depois duma ausencia de tres anos e meio na capital dos E. U. do Brazil, o velho republicano do Bomsucesso e nosso presado amigo, sr. Amandio Ribeiro da Rocha, a quem nos é grato vêr de novo junto de nós e de sua estremecida familia.*

Retribuindo-lhe os cumprimentos, fazemos votos porque conserve a bôa saude de que nos deu mostras.

O PASCACIO

—==(*)==—

Com uma pilheria que denota exuberantemente o estado mental, tão digno de lastima, do seu autor —Acacio Rosa, ou o *Pascacio de Verdemilho*, ou o *Cabecinha*, envia-nos uma extensa carta escrita na maquina do governo civil, em tudo egual á que ontem inseriu o *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* e por ventura vão inserir outros canudos de egual jaez, por onde se conclue duma maneira perentoria que o feliz amanuense da primeira repartição distrital, de que é chefe Eugenio Ribeiro, sempre recebe os 15$00 mensaes na sua qualidade, não de secretario duma comissão, que deixou de existir, mas de encarregado dos serviços de subsistencias enquanto durar a crise, ou o povo consentir que continue a malbaratar-se o seu dinheiro com a mesma semcerimonia, ou ainda mais, a que estava acostumado nos calamitosos tempos da outra senhora.

Mas Acacio Rosa, o *Pascacio de Verdemilho*, não fica só por aí. Quiz ir mais longe e como quer que alguns dos seus *camaradas* politicos o acirrassem, vá de acompanhar a confissão com um amontuado de disparates que se não fôssem dum parvo alegre, bem podiamos atribui-los a um doido varrido. Sim, Acacio, você prova com todas as caracteristicas que depois de ter naufragado no mundo das letras, arrostando consigo os galeges a quem se encostou para se dar ares de superioridade, não passa agora dum *trêta*, mas dum trêta acabado, um trêta completo.

Você, Acacio, perdeu uma bela ocasião de estar calado porque nem são as suas *pascacices*, nem tão pouco hade ser o ruido de qualquer fraldiqueiro em volta de nós que destroem uma vida passada a combater pela democracia, sem brilho é certo, mas com fé, com amor e com convicção, coisa que um barriguista não póde ter, nem os parasitas, nem os aduladores jámais possuiram.

Que quer você dizer na sua, Acacio? Que fômos franquistas pelo facto de termos assistido ao almoço, **sem côr politica,** que a Aveiro veio comer o snr. João Franco quando andou em peregrinação pelo país? Você mente, porque sabe como toda a gente desta terra que nunca por nunca ser nós fômos encontrados noutro campo que não fôsse o republicano. E mente com tanta ou mais convicção que até estâmos em crêr que nenhum sêr humano se lhe póde egualar na torpêsa e má fé com que o faz. Sim, Acacio, porque é tôrpe todo o individuo que insinua falsidades, como é indigno todo aquele que, para ferir, se serve da mentira ou lança mão de estratagêmas nada sérios. Esse sistêma só aos pulhas temos visto usar e com franquêsa não teem sido poucos os que de várias partes e por vários processos deligenciaram em todos os tempos atingir-nos. Mas, coitados: sendo da mesma categoria do Acacio, ainda está para aparecer o primeiro a quem não tenhâmos marcado antes de lhes cuspirmos o nosso desprêso. E o Acacio sabe-o por experiencia propria, assim como não desconhece a repugnancia que nos causa a bajulação exercida pelos sabujos que apenas da falta de caracter vivem...

Seguidamente o Acacio, na tal carta *original*, que é mais um padrão de gloria a atestar a indiscutivel e orelhuda intelectualidade do ferrenho partidario da... união ibérica, faz-se éco duma invenção, com todas as caracteristicas tambem de falsidade, pela qual nós teriamos pretendido um logar de *fiscal, comissario ou coisa que o valha de emigração em Angola, com 3:000$00 e pico e porta travessa por ano*, quando nada disso aconteceu, como o havemos de demonstrar no dia em que nos dispozermos a enchutar a canzoada, amarrando-a ao pelourinho das suas façanhas, partindo-lhes a dentuça com que tenta baldadamente morder-nos. Nada disso, ó *Pascacio de Verdemilho!* Os que de ti fizeram um instrumento de auxilio, á mingua de aptidões, porque são umas bestas chapadas, para vêr se conseguem lançar no espirito publico a suspeita, pelo menos, de que sômos como eles, comeram-te, enganaram-te. E tu caíste na esparréla. Tu misero e desmiolado adulador, que nunca soubeste distinguir entre a fraudulagem os homens de brio, nem sabes o que isso é, caíste na esparréla. Lamentamos-te. Olha: nós ainda te lamentâmos, porque temos comiseração dos desgraçados ou seja de todos aqueles que, para não perderem a côdea, se sugeitam aos mais tristes papeis. *Fiscal, comissario ou coisa que o valha em Angola com 3:000$00 e pico!* Que grandes pataratas! Que enormissimos intrujões! Nada disso, Acacio, nada disso; e sendo Barbosa de Magalhães a pessoa que você acredita ter contrariado essa nossa pretensão, ninguem melhor do que ele lhe póde dizer quanto ha de verdade na passagem epistolar com que veio ao povoado, feito lobo faminto... Fa-lo-á? Duvidâmos. Contudo não deixaremos nós passar a atuarda, que no genero estapafurdio nunca vimos outra que se lhe pudesse egualar.

Mas agora reparâmos: nós temos estado a dar demasiada importancia ao Acacio. Nem ele nem os que lhe encomendaram o sermão valem a ponta dum cigarro para não dizermos a ponta dum chavelho. Que quer ele? Justificar-se do dinheiro que recebe por serviços que ninguem vê? Onde estão as medidas adoptadas depois que foram extintas as celebres comissões de subsistencia? Que teem feito as autoridades e o Acacio para defender o povo dos que por todas as fórmas e feitios o exploram? Que se veja, nada. Pois então tire-se o osso ao Acacio, o osso que lhe advem das subsistencias e que ele deixa transparecer atravez o ténue véo de moralista com que á ultima hora aparece em publico, ser uma compensação de prejuizos sofridos.

Basta de esbanjamentos!

E Acacio: quanto aos animaes domesticos que possue, fazendo-nos a ingenua confissão de que toda a palha é pouca lá para casa, faz bem não os deixar morrer á fome. Que havia de ser de você sem companhia no curral?

EXAMES DE ADMISSÃO

Lecionações por Maria de Melo e Costa, Norbinda de Melo e Costa e José Teixeira da Costa.

Motim

Entre a populaça e praças de marinha

—==(*)==—

No sábado passado foi ao esteiro de Salreu, concelho de Estarreja, uma das lanchas de serviço da Capitanía, com 10 homens de tripulação, sob o comando do 1.º sargento Marques, para convidar os individuos ali residentes a virem registar e numerar as suas embarcações, conforme determina a lei.

Logo ao inicio da execução das instruções recebidas, a força foi desrespeitada por uns taes Garridos, homens conhecidos como insubmissos e mandões no logar, ouvindo-se pouco depois o sino tocar a rebate e a seguir a aparição de uma grande quantidade de homens e mulheres armados de todas as fórmas, que marchavam em direcção á lancha.

O 1.º sargento, julgando dever informar os circunstantes do fim da sua missão, que se limitava apenas a convidar os proprietarios que ainda não tivéssem registado e numerado os seus barcos a vir faze-lo, e reconhecendo á frente da multidão José R. Marques Valente para quem na vespera fôra portador duma licença que na Capitanía lhe concederam para um fim qualquer, desembarcou, indo ao encontro dos recem-chegados para dizer da sua justiça.

Agarrado por esse mesmo Valente para acompanha-los, cinco

marinheiros armados aproximaram-se do sargento, mas caindo sobre eles inesperada e abrutamente a multidão, que os cercou, bréve foram desarmados. Como o sargento Marques ordenasse o embarque, conseguindo ao mesmo tempo desembaraçar-se do Valente, recebeu uma violenta paulada na cabeça, como inicio de outras selvaticas agressões de que a força foi vitima na sua quasi totalidade, visto terem vindo receber curativo ao hospital de Aveiro, o 1.º marinheiro Eduardo Santos Hilario, com a perna esquerda furada por bala; o 1.º fogueiro Miguel Martins, com uma chumbada no lado da cabeça e cára, atingindo-lhe o olho esquerdo; o 1.º fogueiro Boaventura Pereira Relvas, com grande escoriação na testa, feita por bala; o 1.º marinheiro Antonio Maria, com chumbada no braço esquerdo; o seu colega Francisco Barbosa, com escoriações na cára e forte contusão no braço esquerdo e os dois 1.os grumetes José Ferreira e Manuel Luiz, com contusões nos hombros e nos braços, produzidas por pancadas. Como se vê só dois homens ficáram ilésos da estupida e brutal agressão que absolutamente nada justifica. A lancha tem cravadas diversas balas a estibordo, na antepára da maquina, assim como sinaes de outras e de chumbadas.

Embarcada a força e como a multidão avançasse na decidida prespectiva de liquidar quantos ali tinham ido no cumprimento dum dever, foram, na defêsa incontestavel das suas vidas, feitos alguns tiros de bordo, do que resultou, segundo está averiguado, ficarem feridos quatro individuos, sendo um gravemente por ser atingido no peito.

Conhecida na Capitania a ocorrencia, foram tomadas imediatamente todas as providencias que a gravidade do caso exigia marchando para aquela localidade forças de cavalaria, infanteria e de policia.

A' hora que escrevemos estão já presos como os mais responsaveis pelos acontecimentos: Antonio Garrido e seus filhos Luciano e Manuel Garrido, e Manuel Valente Rodrigues, autor, segundo parece, do espancamento do sargento.

Este individuo é irmão do outro agressor do mesmo sargento, José Rodrigues Marques Valente, que se evadiu. Ha mais individuos contra quem foram passados mandados de captura, sendo o ultimo capturado um tal Pedro, de Albergaria-a-Nova, que conduzia uma das cinco carabinas *Mannulicker* que foram tiradas ás praças.

Os individuos que fôrem presos, ultimado que seja o respectivo processo, seguirão para Lisboa, entregues á autoridade maritima, que os julgará em conselho de guerra, atenta a classificação do crime e a situação atual.

Lamentando a deploravel ocorrencía, ela tem todavía outros maiores criminosos que aqueles nela directamente envolvidos: são quantos malevola, imbecil e propositadamente ha muito vem instigando o povo á rebelião e á anarquia.

DISCURSO

Durante a ultima sessão do Senado Municipal, a que por méro acaso assistimos, foi permitido usar da palavra a um espectador. E então, com enfase e gesto artistico—o homem parece que é artista—falou. Falou dos *moralões* que não sabem quem ele é, dos seus nobres sentimentos de generosidade, do seu devotado amôr ás creancinhas e por fim ainda dos *moralões* que aí andam a prégar sem saberem quem ele é, que tantas creancinhas tem agasalhado, como se alguem tivésse alguma coisa com isso ou o Senado quizésse saber quem ele é...

Não soltámos uma gargalhada porque o sitio não era proprio. Lembrámo-nos, todavía, ao ouvir tantas vezes falar em *moralões*, de que França Borges foi o republicano mais atacado neste país, mais difamado, mais enxovalhado e contudo vão-lhe erguer um monumento para o qual o *ilustre* orador tambem contribuiu..

E' que vozes de não chegam ao céo, nem coices de atingem a lua...

Não ha memoria.

OBRAS MUNICIPAES

A Câmara deu inicio já aos melhoramentos com que se propoz dotar a cidade antes de abandonar as cadeiras que, por eleição, ocupa ha perto de tres anos, mas pelo visto não designou bem o sitio para as retrétes publicas e de aí a representação que lhe foi entregue na segunda-feira, concebida nos seguintes termos:

Ex.mos Srs. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Aveiro

Os abaixo assinados, moradores e proprietarios da rua Coimbra, achando improprio o local escolhido pela Ex.ma Câmara para a construção das retretes publicas, que acaba de iniciar-se naquela rua, e inconveniente a obra que em tal sitio, por nenhuma razão se justifica, veem por esta fórma representar respeitosamente no sentido de se evitar o mal que da construção resulta quer pelo lado estetico, quer pelo lado sanitário, quer mesmo pelo lado da decencia, pois sem duvida prejudicados ficam os predios circumvisinhos das retretes publicas.

Pelo lado sanitário o caso não tem discussão. Nesta terra onde a agua falta inteiramente, a obra resultará num verdadeiro fóco de imundicie.

Pelo lado estético seria ofensa para V. Ex.as descrever o que é a construção dumas retretes publicas, na melhor rua de Aveiro, no local que mais ideia dá de cidade, e exactamente no sub-solo da praça mais visitada pelos forasteiros.

Acontece mais que em Aveiro onde os locaes escusos abundam, nenhuma necessidade obrigava á obra delineada e já em inicio, e antes tudo aconselhava a que ela, perfeitamente dispensavel neste momento em que outras obras são imprescindiveis e se impõem neste concelho, se evitasse inteiramente.

Pedem os abaixo assinádos a V. Ex.as, respeitosamente que a resolução camararia seja modificada no sentido exposto, não tendo duvida em afirmar, que toda a cidade, mesmo todo o concelho, abundam nas mesmas ideias.

Aveiro, 9 de dezembro de 1916.

Seguem-se as assinaturas dos interessados, que, manda a verdade que se diga, não deixam de ter certa razão.

No sitio escolhido para as retretes, o sub-solo da Praça da Republica, entendemos nós que ficariam muito melhor umas pequenas lojas, de utilidade não só para quem as explorasse, mas inclusivamente para a câmara que do seu aluguer auferiria compensador rendimento. O local é dos que se impõem pela sua centralisação e por isso garantido está sempre o municipio destinando-o ao fim unico para que deve ser aproveitado de preferencia ás retretes. Estas, porêm, ao contrario do que na representação se diz, devem fazer-se quanto antes porque são de absoluta e inadiavel necessidade.

Terras com menos importancia do que a nossa, menos visitadas do que a nossa e até com maior abundancia de locaes escusos teem já conseguido dos respectivos municipios esse, utilissimo melhoramento. Dispensa-lo, não, que é um erro da parte dos que assim pensam.

Façam-se, pois, as retretes, mas harmonise-se a sua construção de fórma a não levantar atritos, como convem aos interesses da cidade.

Os srs. director das Obras Publicas, sub-delegado de saude e presidente da Associação Comercial, sendo convidados a pronunciar-se sobre a escolha do sitio, estâmos por certos que o farão imparcialmente, concorrendo para a solução do caso com um *veredictum* que os nobilite.

Necrología

Em edade bastante avançada faleceu na terça-feira o artista desta cidade, Francisco da Costa, um dos mais habeis carpinteiros do seu tempo e membro da reputada banda dos Bombeires Voluntarioe.

Era aparentado com a familía Gamelas a quem enviâmos o nosso cartão de pêsames.

* * *

Na freguezia de Milheirós, concelho da Feira, onde havia fixado residencia, faleceu tambem, repentinamente, o antigo conselheiro de Estado e abade de Arrifana, revd.º Manuel de Oliveira Costa.

O finado, que gosava de um grande prestigio devido ás suas excelentes qualidades, chefiou, no regimen deposto, o partido progressista da vasta região por que tanto se interessava. Atualmente era membro da Junta Geral do distrito no seio da qual conquistou as maiores simpatías, sendo justamente considerado.

Curvâmo-nos ante o cadaver de tão ilustre sacerdote.

CORRESPONDENCIAS

Requeixo, 5

Basta de papelada ou cumpra-se a lei

Existe para aí um decreto ou coisa que o valha, que obriga os lavradores a apresentarem declaração escrita dos cereais da ultima colheita, para que a fóme cada vez mais crescente se manifeste com todo o seu cortejo de horrores. Não lhe vemos outro fim.

Mas acontece que muitos, senão a maior parte, não dão cavaco ás tropas, chamando burros e parvos aos que se determinam ao cumprimento da lei.

Sem comentario, lembrâmos apenas que, ou as autoridades a quem compete o cumprimento das disposições de tal decreto fazem executa-las, ou, sem perda de tempo, avisem para que ninguem apresente declarações, evitando-se de este modo o dispendio de papel.

Tal processo de se pretender averiguar a produção do país, é por de mais inutil. Se o produtor dér 30 p. c., já é forçar a nota de mais.

—— A falta de procura dos vinhos nesta localidade, traz os lavradôres descontentes. E não é para menos.

—— Da falta de milho não vale a pena falar: é cada vez mais crescente, não se podendo obter a menos de 1$30, e de aqui para cima. Ouvimos que os necessitados tencionam reclamar providencias á autoridade superior do distrito.

C.

Alquerubim, 5

Deitou-se a afogar num poço do campo, Auzenda Baptista, de 32 anos, uma bela rapariga, a quem o namorado abandonou depois de a ter desflorado. A rapariga, que sempre teve um exemplar comportamento, vendo-se traída, preferiu morrer antes de se descobrir a sua falta. Deixou á beira do poço uns tamancos, um avental e uma cinta. O seu funeral, que tève logar no domingo, foi muito concorrido, calculando-se mais de 600 as pessoas que tomaram nele parte. Foram-lhe oferecidas muitas corôas, sendo a mais formosa a dum grupo de amigas da infeliz Auzenda. Todos lamentam a sorte da desventurada moça que era o amparo de sua velha mãe.

O triste acontecimento emocionou profundamente a freguezia.

C.

Ultima hora

Telegramas oficiais dizem ter sido preso em Abrantes, quando ali entrava á frente duma reduzida força militar, o pensionista do Estado Machado Santos.

Anuncios

Caixa Economica

DE

AVEIRO

2.ª Convocação

Não se tendo efectuado a reunião convocada para hoje, por falta de número, nos termos do art.º 61 e para cumprimento do disposto nos art.os 67 e 68 dos Estatutos da Caixa Económica de Aveiro, convido novamente em nome do Ex.mo Presidente da Assembleia Geral, os Srs. sócios e demais membros da mesma Assembleia a reunirem, em sessão ordinária, no edificio social, pelas 11 horas da manhã do dia 17 de Dezembro corrente.

Assuntos a tratar:—eleição da mêsa da Assembleia Geral que tem de servir no futuro triénio; eleição de um membro da Direcção e outro do Conselho Fiscal, para substituição dos que terminaram o seu tempo de serviço; resolução a tomar sobre o preenchimento das vagas existentes no número de sócios; e proposta da Direcção, ouvido o Conselho Fiscal, para modificação dos art.os 9.º e 10.º do Regulamento dos serviços da Caixa —1.ª parte.

Aveiro, 10 de Dezembro de 1916.

O Secretário da meza da Assembleia Geral,

Manuel dos Reis

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.